

# O CENACULO

**Fundadores :**

*Dario Vellozo,  
Silveira Netto, Julio Pernetta,  
Antonio Braga*

**ANNO SEGUNDO**

**TOMO TERCEIRO**

**Coritiba**

Impressora Paranaense—Rua do Riachoelo N.º 19

**1896**



# 

	PAGS.
PELOS INDIOS, por Dario Vellozo . . . . .	3, 42 e 161
TREZ PEREGRINOS, de Edmundo Barros. . . . .	11
LENDA SERTANEJA, por Julio Pernetta . . . . .	12
EM TORNO DA TERRA, de Rocha Pombo . . . . .	22
FESTAS DE N. S. DO PILAR, de Romario Martins . . . . .	31
DR. JUSTINIANO DE MELLO, por Dario Vellozo . . . . .	33
MISSA ALDEAN, de Leoncio Correia . . . . .	35
OLHOS VASIOS, por Julio Pernetta . . . . .	37
ESQUECE, de Antonio Braga. . . . .	40
NOX, de Elyzêo Montarroyos . . . . .	41
EXOTISMO, por D. Vellozo, S. Netto, J. Pernetta e A. Braga . . . . .	49
CREPES, por Dario Vellozo . . . . .	78
HALLUCINATION, por Jean Itiberé . . . . .	79
O AMOR, de Elyzêo Montarroyos . . . . .	81
IRONIAS DA MAGOA, por Julio Pernetta . . . . .	82
FILHAS DE EVA, de Edmundo Barros . . . . .	84
JERUZALEM, de Pierre Loti . . . . .	86 e 124
ADEOS, de Antonio Braga . . . . .	93
L'ÉTERNEL AMOUR, por Jean Itiberé. . . . .	94
EXEQUIAS, por Julio Pernetta . . . . .	94
CARLOS GOMES, por João Itiberê . . . . .	97
A VIDA, de Antonio Braga . . . . .	100
PARA O MYSTERIO, por Dario Vellozo . . . . .	101
O CORVO, de Leconte de Lisle . . . . .	104
DENTRO DE UM SONHO, por Julio Pernetta . . . . .	117
CARRO DE BOIS, de Leoncio Correia. . . . .	120
LES «ESQUIFES», por Jean Itiberé . . . . .	124
CANTILENAS, por Julio Pernetta. . . . .	123
IDEAL POSITIVISTA, de Euclides Plaisant . . . . .	128
CANON, por Dario Vellozo . . . . .	129
LE DADA, por Jean Itiberé . . . . .	149
LYRA DE OURO, por Julio Pernetta . . . . .	152



---

PSYCHOPATHIAS, pelo Dr. J. Franco Grillo . . . . .	466
LE SPHINX, por Jean Itiberé . . . . .	482
EKHIDNA, por Jean Itiberé . . . . .	483

**Respigas :**

COM O CENACULO . . . . .	95, 128 e 188
A' FOZ DO IGUASSU, por Dario Vellozo . . . . .	457
ALMANACH PARANAENSE, por Dario Vellozo . . . . .	458
PROMPTUARIO DAS LEIS FEDERAES . . . . .	187
AO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL . . . . .	187
A ARTE . . . . .	188

FIM.





julho  
1896

fasc. 16<sup>o</sup>

n<sup>o</sup> 1

t. 3

# PELOS INDIOS!

( Continuação da pag. 153, t.º 2º )

## II

### O Brasileiro autochtone (¹)

#### 1

O problema da origem, ou origens, do homem ainda não foi resolvido. As hypotheses aventadas e discutidas,—já procurando justificar as tradições religiosas dos Hebreos, já acryzolando o espirito de independencia e revolta dos partidarios do polygenismo,—se bem que tenham aberto á Sciencia numerosos trames e levado os estudiosos a importantes descobertas e resultados inestimaveis,—não apresentam, comtudo, solução definitiva, apesar das arduas investigações da ANTHROPOLOGIA, da ETHNOLOGIA e da LINGUISTICA. Dahi, a impossibilidade de concluir pela existencia do americano autochtone, removendo todos os obstaculos erguidos pelo monogenismo energumeno e exigente, mao grado a inverosimilhança de muitas de suas argumentações.

Começa a divergencia de opiniões com o estabelecer da epocha, mais ou menos longinqua, do apparecimento do homem no planeta. Alguns scientists ha que constataam a existencia do homem, desde a *epocha terciaria*; outros, porem, negam essa hypothese, ou facto, admittindo apenas, então, a existencia de um sêr,—ponto de transição do anthropoide para o homem, e que deve fatalmente jazer alhures, preenchendo a lacuna existente na serie animal, entre os irracionais e o sêr pensante. A esse typo, ainda não encontrado, deo Mortillet o nome de *anthropopitheco*. (2)

---

(1) Explica o grande numero de citações que se encontram neste artigo, e se encontrarão nos subsequentes, o dever que tenho de escudar vantajosamente as CONCLUSÕES a que pretendo chegar ao finalizar a serie, quiçá demonstrando a veracidade de minhas palavras. Em assumptos, como este, raramente trazidos a nosso circulo de acção, creio, não será superfluo o testemunho daquelles que teem sido gloria e orgulho da Sciencia moderna.

(2) Veja-se: G. Mortillet,—*O Prehistorico*, 1885.



Entre os apologistas do homem terciario C. Claus assim se exprime :

« A respeito da origem do Homem e dos primeiros tempos de sua existencia reina obscuridade completa ; pode-se, entretanto, affirmar que as investigações geologicas e archeologicas refutaram a opinião segundo a qual elle existiria apenas sobre a terra ha poucos millenios. (3) A presença simultanea de ossadas humanas (craneos de *Engis* e de *Neanderthal*) e instrumentos fabricados de pedra, com as ossadas de animaes extinctos do periodo diluviano (*Mammuth*, *Rhinoceros tichorhinus*), veio ainda provar a remota antiguidade da especie humana. (4) E' certo pois que o Homem existia já na *epoca pliocene*, e talvez mesmo desde começo do periodo terciario.» (5)

Quatrefages tambem acceita o *homem terciario*, como se depreheende das seguintes palavras :

«...A descoberta de M. Ragazzoni pôz-nos de posse dos restos do proprio homem terciario.» (6)

Camillo Flammarion, expondo os resultados desses estudos, em 1886, declara :

«Segundo os ultimos testemunhos, aos quaes seria facil reunir grande copia de outros, parece, deveriamos estar autorizados a admittir tambem a existencia do homem terciario *miocene*. Entretanto, cremos, os documentos não bastam ainda para tal affirmação. Quatrefages e Hamy admittem que os silex de Thenay tenham sido talhados pelo *homem*. Bourgeois, Gaudry e Mortillet pensam que taes silex o foram por *macacos*. Nesta hypothese, o precursor do homem seria o *dryopitheco* ou qualquer *anthropomorpha* desse genero. As opiniões, porem, continuam contradictorias e resta dicidir se taes silex são ou não *talhados*.» (7)

Eis as conclusões a que chegou Mortillet, em seo bello estudo sobre o *Prehistorico*, discordando inteiramente da opinião de Claus e Quatrefages :

(3) Como é sabido, os corripheos da *sciencia orthodoxa* affirmam, ainda hoje, que o Homem existe ha cerca de seis mil annos somente !... Que será do estudo das SCIENCIAS-NATURAES, entregue a esses apostolos das tradições mythologicas ?!...

(4) O craneo da *Lagôa sancta*, encontrado por Lund nas cavernas dos sertões de Minas-Geraes, prova eloquentemente,—como veremos,—a existencia do homem no Brazil em tempos tão longinquos como no antigo continente.

Este facto,—comprovando o apparecimento do homem americano,—quando ainda não havia razão de ser das migrações das tribus primitivas,—é mais um argumento convicente em favor da these dos polygenistas.

(5) C. Claus,—*Tratado de Zoologia*, 1884.

(6) A. de Quatrefages,—*Introdução ao estudo das raças humanas*, 1º v., 1887.

(7) Camillo Flammarion,—*O mundo antes da criação do homem*, 1886.



«Durante o terciario existio um sêr bastante intelligente para fazer fogo e fabricar instrumentos de pedra.

«Este sêr não é ainda o homem. Era um precursor delle, uma forma ancestral, á qual dei o nome de *anthropopithecó*.

«O homem appareceo, na Europa, em o principio do quaternario. Ha, pelo menos, 230.000 a 240.000 annos.

«O homem quaternario, essencialmente pescador e sobretudo caçador, não conhecia a agricultura nem mesmo a domesticação dos animaes.

«Vivia em paz, de todo baldo de ideas religiosas » (8)

As opiniões de Claus e Mortillet são por demais sufficientes para nos dar idea do estado em que se acha a discussão. E' pois, desnecessario multiplicar testemunhos. Em geral, os monogenistas acceitam o homem terciario, cuja existencia é negada pelos partidarios do polygenismo. Parece-me, entretanto, o resolver desse problema, ha tanto debatido, não encerraria a discussão entre monogenistas e polygenistas, — porquanto não ficaria provada a origem commum da especie humana.

Para se demonstrar a unidade, ou pluralidade, das origens humanas, seria preciso conhecer ~~anteriormente~~ *previamente* as circumstancias do apparecimento do primeiro, ou primeiros homens, — quer segundo as theorias de Darwin, (9) quer segundo as de Snider ; (10) seria preciso saber como se desenvolveo o embrião humano ; em que condições mesologicas ; se um só, ou se diversos pontos do planeta soffreram acções climatologicas favoraveis á eclosão dos germens que se achavam em a natureza num estado latente ; etc. etc.

«O GENERO humano se compõe de uma ou de muitas especies ? » perguntava Darwin. E proseguia :

«Eis uma questão que os anthropologos teem vivamente discutido durante estes ultimos annos, e, na impossibilidade de chegarem a um accordo, dividiram-se em duas escholas : monogenista e polygenista... A tentativa, porem, será inutil emquanto geralmente se não tiver acceitado qualquer definição, do termo *especie*, definição que não deve conter elemento indetermi-

(8) G. Mortillet,—Obr. cit.

As ultimas conclusões a que chega o auctor do *Prehistorico*, vêm em apoio da opinião dos que supõem os TAPUIAS não decadentes, porem na aurora da civilização. Eram, como o homem quaternario da Europa, pescadores e caçadores ; não possuíam animaes domesticos e não tinham *ideas religiosas*. Algumas tribus plantavam a mandioca e o milho ;—essas, porem, supponho, eram TUPIS,—nação conquistadora, dotada de alguma cultura.

(9) Veja-se : Darwin,—*Descendencia do homem*, ed. de 1881.

(10) Veja-se : Snider,—*A Creação e os seus mysterios, desvendados*.



nado como um acto de criação. E' como se se quizesse, antes de qualquer definição, decidir que certo grupo de casas se chamasse aldea, villa ou cidade.» (11)

Tal o opinar de Darwin. Apesar da reserva com que se pronuncia o illustre escriptor inglez, o sr. de Quatrefages o declara monogenista. (12) Se nos lembrarmos, porem, de que o autor da *Descendencia do homem* acceita e emprega os vocabulos — GENERO HUMANO ; — se soubermos que um «GENERO é constituído pela reunião de *muitas especies analogas*», (13) — temos, apesar das conclusões de Quatrefages, que o proprio Darwin se inclinava a favor da pluralidade das *especies humanas*.

Assim pensava Broca :

«O grupo humano constitue bem evidentemente um GENERO ; se contivesse uma só *especie*, seria excepção unica em a criação. As raças humanas differem mais entre si que certas *especies* animaes admittidas em certos generos, por todos os naturalistas.» (14)

Para Quatrefages, porem, «a especie é a reunião dos individuos, mais ou menos semelhantes entre si, que descenderam, ou podem ser olhados como vindos de um par primitivo unico, por uma successão ininterrompida e natural de familias.» (15)

Falta-me competencia para enfrentar o anthropologo francez ; ao que peze, entretanto, ao illustre scientista, — resalta de suas palavras a preocupação latente de justificar a tradição hebraica. E não me animaria, quicá, a discordar do dizer do chefe da escola monogenista, em França, se não podesse escurdar minha affirmativa nas seguintes palavras de Topinard :

«A doutrina monogenista entrou realmente em nossa civilização europea com as tradições hebraicas, reunidas por Esdras, depois do captiveiro de Babylonia, e primitivamente de fonte chaldaica.

«Os povos teem, como os individuos, tendencia a referir tudo a si, desprezando por insignificante a terra que lhes não pertence e os povos que não gravitam em sua orbita. Em parte alguma tal defeito foi tão accentuado, não ingenua, mas systematicamente, como entre os povos chananeenses (chananéens) e, para generalizar, entre os povos semitas. Cadaqual tinha

(11) C. Darwin,—Obr. cit.

(12) Veja-se: Quatrefages,—Obr. cit.

(13) J. Langlebert,—*Historia Natural*.

(14) Paulo Topinard,—*Elementos de Anthropologia geral*, 1885.

(15) Quatrefages,—Obr. cit.



ahi seo Deos proprio, pessoal, inimigo de tudo que se lhe não referia ou a seos alliados.» (16)

Em Fauvelle, encontro mais uma justificativa ás minhas palavras:

«A existencia de um só casal, como ponto de partida de uma especie qualquer, não foi nunca demonstrada; e os sabios que a tem admittido para o Homem, partiram de preconcebida idea que os arrastou para fora do tramite da verdadeira sciencia...

«São as conjecturas philosophico-religiosas a origem da idea de um casal humano primitivo, e seos partidarios, naturalmente, os adversarios declarados do transformismo.» (17)

Abel Hovelacque (18) corrobora a opinião de Fauvelle.

O proprio Darwin assim se exprime :

«Um naturalista poderia se sentir sufficientemente autorizado a olhar as raças humanas como especies distinctas, porque poderia ter constatado entre ellas muitas differenças de conformação e de constituição, algumas das quaes de alta importancia, differenças que teem ficado quasi constantes durante longos periodos. Demais a enorme extensão do genero humano não deixa de constituir serio argumento, porque tal extensão seria grande anomalia na classe dos mamiferos, se o genero humano representasse uma só especie.» (19)

E ahi temos Darwin concordando com o professor Paulo Broca. (20)

Nada resolvido completa e definitivamente. De um lado, o espirito religioso dos monogenistas, mystificando por vezes a verdade dos factos, partindo de falso principio indemonstravel, desviando-se nas tortuosidades de raciocinios estereis, fora das orbitas logicamente delineadas pelo estudo comparativo dos phenomenos e pesquisas sujeitas á observação e á analyse ; de outro, a reacção energica e nobilissima dos verdadeiros *pionniers* da Sciencia, luctando contra os preconceitos, contra a hypocrisia dos jesuitas do saber humano, contra o desamor á Verdade,

(16) Topinard,—Obr. cit.

(17) Fauvelle,—*Physico-Chimica*, 1889.

(18) Veja-se: A. Hovelacque,—*O Homem primitivo contemporaneo, e Linguistica*.

(19) Darwin,—Obr. cit.

(20) O OCCULTISMO, em suas tradições remotissimas, revigoradas ultimamente pela moderna eschola franceza de estudos esotericos, conclue tambem pela pluralidade das especies humanas :

«Uma das differenças entre as tradições do Occultismo e as doutrinas contemporaneas,—diz Papus,—é a idea de que a humanidade terrestre não nasceo toda ao mesmo tempo e em um só ponto, o que torna impossivel a diversidade das côres.

«Segundo o Occultismo, cada continente desenvolve, como, em o mundo, cada planeta, seos mineraes, vegetaes e animaes, o todo coroado por uma raça humana particular.»—Papus, —*Sciencia Occulta*.



repellidos pela ignorancia que não quer comprehender, martyres da causa da Humanidade, avançando passo a passo, de sacrificio em sacrificio. Comtudo, o polygenismo vae ganhando terreno, a tradição vae cedendo á verdade dos factos.

Querer adaptar a Sciencia á Religião,—como o teem pretendido fazer alguns pensadores,—talvez mal interpretando as theorias de Spencer, quando, em seos *Primeiros Principios*, demonstra a necessidade de se consorciarem uma à outra, afim de terminar a discordia entre ambas, e poder aquella proseguir victoriosamente, e esta conservar as crenças e ideaes,—é, a meu ver, desvirtuar deslealmente o pensamento do eminente philosopho contemporaneo. Quer Spencer caminhem de mãos dadas a Religião e a Sciencia; mas, é logico e indiscutivel, sem que esta violente e falseie a verdade dos factos comprovados, para melhor se amoldar á lettra dos dogmas daquella.

A tradição tem de ceder á analyse, e o mytho á critica. O contrario seria irrisorio e inaceitavel.

Assim, enquanto o preconceito religioso não ceder á verdade scientifica, o problema da unidade, ou pluralidade das origens do homem não será resolvido. (21)

Junho,—1896.

DARIO VELLOZO.



---

(21) A conclusão do presente artigo será publicada em o fasciculo seguinte.



# TREZ PEREGRINOS

A Silveira Netto

A' montanha do Ideal  
Subiam, sem temor e sem perigo,  
Trez peregrinos, — cada qual  
Dos outros dous um verdadeiro amigo:

Um se chamava AMOR;  
Outro RAZÃO, sem quem nenhum subia,  
E, emfim, o terceiro audaz viajor  
Era EU, — nomes que dá a philosophia.

Enviados por mim,  
Se um queria, um sentia, o outro pensava . . . . .  
E lá os deixei, marchando, assim,  
Escarpa acima, enquanto o sol montava.

Mas um segundo sol,  
Queimando a rocha alcantilada e extensa  
Da ingreme fenda em caracol,  
Bem a pino raiou ; era a Descrença . . . . .

Debandada cruel!  
De um vesuvio, lá em cima, altos fragores  
Se ouvem . . . . . as lavas, em tropel,  
Rolam, fervendo . . . . . e ah! miseros viajores :

AMOR, correo atraz;  
RAZÃO subio, subio . . . . . vae descambando ;  
Tu só, triste EU! . . . . . tu, só, irás  
Na escarpa, — ora descendo, ora avançando . . . . .

EDMUNDO BARROS



# LENDA SERTANEJA

## I

A' minha mulher.

O cemiterio da freguezia dos Tócos, onde os poucos tumulos que existem estão quasi encobertos pela exuberante vegetação que brota da terra fecunda, está completamente abandonado, por causa da superstição do povo.

Situado no ponto mais culminante da *Coxilha grande*, é doloroso vel-o com a sua cerca de ripas, esburacada pelas aspas do gado, alli *acarenciado*, e sempre em constante escaramuça.

Contou-me o tio João Luiz, um dos mais antigos habitantes da freguesia, a historia de um pobre suicida, que já passou a cathegoria de lenda.

O Pedro da Cruz, rapaz cheio de vida e de mocidade, muito creança ainda revelou energica propensão para os livros. O pae, um velho caboclo rustico, mas estremosissimo pela familia, consultou a um seo compadre e amigo, e rezolveo mandar o pequeno para a villa, frequentar a eschola do velho Vadò.

Uma bella manhan de sol, o Pedro, de embornal a tiracollo, tamancos novos nos pés, recebera a benção dos velhos paes e o abraço dos irmãos, e se fôra para a villa, em companhia de um tropeiro, que ia levar uma carregação de *congonha*, para o José Galdino. A's vezes, pelo caminho, choramingava, queria retroceder, começava de sentir a ausencia da casa paterna, que se ia ficando, ficando, quasi a perder de vista.

Sentia instinctivamente a tristeza que soffreria nos primeiros dias, só, completamente desconhecido, entre o povo da villa, sem um camarada com o qual podesse ir ás arvores buscar os ninhos dos passarinhos.

Chorava. Depois volvia os olhos, injectados de sangue, para o tropeiro, como implorando um carinho, uma palavra de consolação ao menos.

Nada. O seo companheiro, vergado sobre o lombo de um burro *ruano*, a perna esquerda descansada sobre a cabeça do *serigote*, assoviava o *quero mana*, n'uma impassibilidade de inquisidor.



No meio daquella floresta immensa, via-se a estrada, n'uma extensão monotona, se prolongando n'uma recta interminavel, como um vigoroso traço pardo entre o verde da folhagem.

Quebrava o silencio mortuario da natureza esplendida, formando uma orchestra extravagante, o assovio do tropeiro, o guizalhar do sincerro da égoa *madrinha*, cavalgada por um *pihá*, e o gemido surdo dos burros encangalhados.

O Pedro encontrou nas lagrimas lenitivo sincero para a sua grande tristeza de filho que se auzenta do lar. Assoou o nariz, apertando-o entre o index e o pollegar, e começou a comer, resignadamente, uns pinhões que sua mãe lhe pozera no bolço, antes da partida.

—«E' lá que nós imo, disse o *tropeiro* apontando, com o cabo do *arreador*, a villa que branquejava no alto de uma collina.

O Pedro baixou a mão que ia levar o pinhão á bocca :

—«E' lá? Quantas legoas terá da villa ao nosso sitio?»

—«E' pertinho; umas quatro legoas.»

E o *tropeiro* continuou a assoviar. O Pedro quiz lhe fazer mais algumas perguntas, porém as lagrimas lhe embargaram a voz.

—«Não chore, menino, que nós já *chegamo*; é alli. E continuou de apontar com o cabo do *arreador*.

Quando chegaram á villa, o Pedro estava com os olhos inflamados de tanto chorar.

Nho Vadò, velho amigo do pae de Pedro, recebeu-o satisfeito, conduzindo-o para o interior da casa, e o recommendando á mulher :

—«Olha, Josepha, este menino é filho do Tico, a quem devemos muitas obrigações. Vem ficar aqui para aprender, não é, meo filho?»

—«E', nhor sim.»

E, acariciando a cabeça do Pedro, consolava-o, dizendo que logo voltaria com a mamãe.

## II

No dia seguinte, em companhia de um filho do velho Vadò, o Pedro vizitava a villa, cheio de curiosidade, olhando para todas as casas, sem conhecer ninguem; procurava distrahir a sua tristeza; mas qual, a freguezia, o *rancho* paterno, passavam-lhe pelos olhos da imaginação: via seos irmãos brincando, no terreiro da mangueira, com os terneiros; sua mãe debulhando feijão, sentada junto á porta que dava para o quintal, e seo pae



revolvendo a terra para a nova plantação. E as lagrimas chegaram a humedecer-lhe os olhos.

—«Aqui é o monjolo de papae, vamos ver, estão fazendo farinha» disse o filho de nho Vadò ao Pedro.

—«Não, eu quero ir pra casa.»

—«Então não quer passear mais?»

—«Nhor não, eu quero ir pra casa.»

E se foram.

Na mesa, quando jantavam, o velho Vadò perguntou ao Pedro se gostava da villa, se já estava acostumado, se tinha passeado muito, ao que elle ia respondendo negativamente.

—«Olhe que já comprei a carta de A B C, para amanha começarmos a estudar; é preciso aprender logo, para voltar com o papae.»

O Pedro pouco comera; passara quasi todo o jantar debruçado sobre a mesa, chorando.

A' tarde, fora ajudar a *campear* os terneiros que deviam ficar emmangueirados.

Quando voltou, a escumilha da noite estrellejada começava de desenrolar-se sobre a villa.

Sentado junto ao fogo, o Pedro escutava as historias que a mulher de nho Vadò contava, de um moço que fôra para a guerra, e casara com a princeza encantada.

As creanças macetavam pinhão para uma velhinha, acocorada a um canto; já não tinha mais dentes, mas os tivera e muito bons; a velhice roubou-lhos.

—«A velhice é o diabo.» dizia ella, suspirando n'um desconsolo de vencida. «No meo tempo, é que se sabia contar historias bonitas... oh! no meo tempo! quem me dera ser moça outra vez...»

Nho Vadò chegava n'essa occasião cantarolando :

«Nha França, nha Francelina,  
Nha França de lá de fôra,  
Se mecê não vem p'ra dentro,  
Eu tambem ja vou-me embora.»

«Canta o gallo, o passarinho  
La no matto está cantando,  
Triste, dentro do meo peito,  
O coração está chorando.»

E, sentando-se, pedio que lhe trouxessem a viola.



O Pedro, quando vio as cordas de arame do instrumento estremecerem trinando, sentio um calafrio de saudade electrizar-lhe a alma com profundos choques de recordações.

Era a casa de seo pae que de novo passava pelos olhos de sua alma ; era a saudade de sua mãe; eram os seos irmãos que n'aquella hora cochilavam, talvez, junto ao fogo, enquanto seo pae recordava a historia de uma peste, que, ha muitos annos, apparecera na freguezia, devastando muita gente. Fôra preciso tirar S. *Sebastião* do oratorio de nho Chico capellão, para que se acabasse a doenzada.

E o velho Vadô continuava a tocar e a cantar. Todos o escutavam silenciosos.

A velhinha, com o olhar covo, onde se manifestava uma indifferença apparente por tudo, o rosto apoiado sobre a mão esquelética, fitava o fogo, acompanhando á meia voz o canto de nho Vadô.

Lembrava-se da sua mocidade, dos fandangos e das *resas*. Tempo bom, em que os moços viviam loucos por ella !...

Reconstruia o templo em ruinas de seo passado, todas as suas paixões, o seo casamento... trez dias de festa... a morte de seo marido...

Ja tinham enterrado o fogo na cinza, e a velhinha, ainda permanecia alli, sentindo o pezadello de tão dolorosas recordações, espezinhar-lhe a alma vasia de esperanças e cheia de saudade.

### III

Um anno depois, por uma manhan fria de inverno, o Pedro regressava á casa paterna. Apprendera o necessario para ser eleitor, e mesmo deputado estadual.

Aquella estrada que se perdia de vista, n'uma recta immensa, por onde elle passara, chorando as saudades de casa, sem uma palavra de consolação ao menos, parecia-lhe agora alegre; em vez do assovio monotono do *tropeiro* que o acompanhara, tinha a muzica estridula dos bandos alacres de passaros que pareciam saudal-o. As arvores, outr'ora tão quietas, na sua passagem, agora ramejavam rouquejando querulos soluços surdos.

Estava proximo de casa, avistava já o *pinheiro velho*, com um capuz branco de neve, como o espectro de um monge secular.

E o seo coração, á proporção que se approximava, se ia comprimindo, entristecendo, como se presagiasse alguma desgraça.



Chegou, emfim. Bimbalharam os sinos da alegria ; o pae o abraçara reprehendendo-o meigamente por não lhe ter avisado que vinha; a mãe, essa, coitada, beijava-o, procurava advinhar nos olhos do filho, o que talvez os labios não podessem dizer ; os irmãos acercavam-se d'elle, queriam falar-lhe e não sabiam como começar, tinham como que perdido a familiaridade ; o *Tigre*, velho cão de casa, gania, sacudindo a cauda, lambendo a mão de Pedro.

Quando a freguesia soube que chegara o filho do Tico, correu pressurosa, para vel-o ; todos o queriam muito.

Era bom menino, muito respeitador.

A' noite, entre a familia, em derredor do fogo, o Pedro contava a sua vida na villa. Fôra bem tratado pela familia de nho Vadò. Já sabia ler e escrever, trouxera um livro de historias que leria no dia seguinte, para seos paes verem como elle sabia bem.

Os irmãos escutavam-n'o; a mãe sorria, n'um embevecimento feliz.

Agora, queria aprender a tocar viola ; gostava muito, ouvira nho Vadò tocar e cantar todas as noites, e já sabia um pouco.

—«Isso o Josézinho do *arto* pode te ensinar. Eu aprendi a tocar viola quando tinha a tua idade, 16 annos mais ou menos; hoje já não sei mais, ha tanto tempo tambem que deixei. Depois que me casei com tua mãe, na egreja da villa, só voltei lá seis ou oito vezes, e isso mesmo por muita *percisão*. A viola, isso nem se fala, nunca mais toquei. E já lá se ~~vae uns~~ dezoito annos.»

O serão prolongou-se até alta noite.

#### IV

—«Pedro, venha cá; eu sou teu pae; você tem obrigação de ouvir os meus conselhos. O coroné Bentinho, da fazenda, veio me *avisá* que você anda *pessuido* pela *fia* d'elle, que anda *sudozindo* ella, que a moça anda com a cabeça variada. *Honte* de noite um camarada da fazenda, na occasião que voltava do *carijo*, vio você *combercando* na cerca do *quintar* com ella; quiz atirar pensando que era *lobishome*. Isso não está bem, você sabe que o coroné é rico, e é o chefe de *infruencia* d'aqui. Isso não *stá* bom, Pedro; isso não *stá* bom.»

O Pedro que ouvira de seu pae a revelação de um segredo que elle julgava unicamente seu e da Ditinha, não tivera a principio uma unica palavra de defeza.



Depois, como que suggestionado por uma idea, perguntou ex-abrupto a seo pae :

—«Mas, é crime a gente querer bem; a moça gosta de mim, eu gosto d'ella, e porque sou pobre, sou *pior* que os outros?! O coronel era, tambem, muito pobre, quando cazou com nha Clara, que era uma moça rica, e hoje não está vivendo feliz? Porque, então, eu não poderei cazar com a Ditinha, que me estima tanto, quanto estimo ella. Eu não quero o dinheiro do coronel, quero a filha, só ella. Isso não tem geito.»

—«Mas, escuta Pedro, o *coroné* não *qué* o casamento; elle tem lá as suas razões; porque você não procura outra moça, pois *ai* tantas aqui na freguezia?»

—«A não me casar com a Ditinha, meo pae, não me caso com mais nenhuma.»

O Pedro soluçava, debruçado sobre a meza do oratorio. Sua mãe se erguera chorando, para o interior da casa; e o pobre pae olhava o filho, maldizendo intimamente o destino que o fizera pobre. E essa revolta era a nobreza da sua grande alma se manifestando no olhar ennevoado de lagrimas. Ergueo-se, e, junto do filho, acariciando-lhe a cabeça, como faria a uma criança, pedio-lhe, supplicou-lhe que, para descanso da sua velhice, para tranquillidade da sua pobre mãe, tão doentia e tão triste, desistisse d'esse casamento. Haveria de ser feliz; procurasse esquecer essa moça; que, embora ella o amasse, do que elle não duvidava, era comtudo impossivel essa união.

Por fim, Pedro, levantando a cabeça, fitou no velho pae um olhar profundo e expressivo, e disse-lhe unicamente :

—«Cumpra-se a sua vontade.»

Sentado na soleira da porta do quintal, fitando as estrellas que tremeluziam no velludo azul do firmamento, Pedro fazia a viola gemer, como se fôra a sua propria alma; e o canto evoluva-se dos seos labios, n'um ciciar de prece e subia para o velludo azul do firmamento, onde as estrellas tremeluziam n'uma impassibilidade inconsciente de astro:

«A saudade é o soffrimento  
Que mais nos faz padecer,  
E, quem não sentio saudade,  
Nunca *soube* o que é viver.»



«Longe do bem que adoramos,  
Que martyrio esta saudade !  
Como ella grita e se estorce,  
Que grande infelicidade !»

E, por muito tempo, as cordas da viola resoaram como ténues suspiros tremulos e prolongados.

E, Pedro, cheio de indecisão e de duvida, continuava fitando as estrellas, que piscavam as palpebras de prata, n'uma ironia terrificante e cobarde. A imagem da Ditinha passava no cortejo macabro das suas meditações, seguida do olhar severo do coronel. Elle a via soffrer muito, a alma espinhada pelas rispidas palavras da familia, e, no meio dessa tortura immensa, falava ao silencio da noite, como se as suas palavras podessem chegar aos ouvidos de sua amada.

—«Não podes cazar commigo, teo pae não quer ; és rica e eu pobre. Cumpra-se a vontade...»

E deixou cahir sobre o peito a fronte desalentada pelo supplicio atroz das conjecturas.

. . . . .

## V

Succederam-se os dias sem que Pedro falasse mais na Ditinha...

A esperança illuminara a physionomia do velho Tico, com a certeza de que seo filho abandonara aquelle amor, tão cheio de contrariedades.

Pedro, taciturno, cadaverisado por tão austeras provações, vagava por entre a familia, sem dirigir-lhe palavra. Já não era o mesmo; a flor de cera de seos labios nunca mais se desabrochava n'um sorriso.

Ia para a roça, não com a mesma alegria de outr'ora ; mas porque só alli encontrava, na solidão deserta do deserto, a paz de que sua alma tanto carecia.

A Ditinha soube, por uma preta velha que a creara, que Pedro definhava, consumido pela febre surda de paixão devoradora. Não sabia o que fazer ; soffria tambem muito ; a cabeça latejava-lhe continuamente; ha muitos dias não sabia o que era *pôr comida de sal na bocca*. Queria fugir, queria vel-o, porém como, se andava vigiada ? !



A mãe não a deixava um instante só, o irmão promettera surral-a pela menor cousa que soubesse.

E com as mãos nervosas começava de descabellar-se, e atirava se para cima do leito n'uma epilepsia de gemidos, que pareciam soluços abafados.

O Pedro, na roça, sentado á sombra de copado pinheiro, afastado do *paio*, onde o caseiro encangalhava os burros, para levar a carregação de feijão para a villa, afagava com os dedos tremulos os dous canos de velha pistola, sua companheira de ha muito.

Subito a detonação de um tiro echoou pelo silencio das matas, e, com ella, a queda surda de um corpo que tombava

E nada mais.

## VI

A's onze horas da noite, de volta de um terço, quando se approximavam do cemiterio, o coronel Bentinho e a familia viram uma luz que passeiava conduzida por mão invisivel, por entre os tumulos. Persignaram-se e continuaram o caminho.

Pelos olhos de Ditinha passara o corpo ensanguentado de um homem.

—«Tem gente rezando no *cemiterio*,» disse o coronel, estatelando.

—«E' alguem que está cumprindo promessa, returquio sua mulher, fazendo um esforço, para que não notassem o tremor de sua voz.

—«Vamos, não ha de ser nada, se Deos quizer e a virgem santissima.»

E o canto que, a principio, o coronel e a familia ouviram vago e imperceptivel, foi-se corporizando aos seos ouvidos, aguçados de susto. Ditinha distinguia as palavras, a voz lhe era muito conhecida; as syllabas, a principio mastigadas, agora eram claras e plangentes:

«A saudade é o soffrimento. »

—«Ah ! me acudam...»

E o corpo de Ditinha tombou inerte.

—«Minha filha... minha filha...»

Com muita difficuldade conduziram-na á casa mais proxima.

Durante o trajecto, ella se foi reanimando, distendendo os membros entorpecidos, e, como se despertasse de um sonho, ergueo a cabeça, e tornou a occultal-a, medrosa.



Deitaram-na, friccionaram-lhe o corpo com vinagre, collocaram-lhe o vidro nas narinas para que ella o aspirasse: Tinha os olhos cerrados, a respiração ás vezes offegante, outras vezes appressada.

Passaram a noite em claro.

No dia seguinte, mandaram um proprio á fazenda, buscar o carro.

Ditinha continuava no mesmo estado; os olhos não se tinham descerrado ainda.

Levaram-na para a fazenda, mandaram vir o *curandeiro*; nada! A molestia não cedia uma linha á therapeutica da roça.

Cançada da vigilia, a familia do coronel, fôra passar por um somno, e deixara a preta velha, que creara Ditinha, guardando-a. La por uma certa hora da noite, as palpebras cançadas da tia velha começaram a piscar, a piscar, até que se cerraram de vez. Dormia, seguindo o exemplo dos brancos.

De madrugada, o povo da fazenda despertou com a muzica de um canto, profundamente triste. Era Ditinha que, sentada no leito, olhos abertos, psalmodeava um canto desconnexo.

Chamaram-na, fitava em todos um olhar idiota, cantando sempre.

O *curandeiro* approximou-se, quiz examinal-a; repellio-o, erguendo a mão á altura da cabeça. E, desfelpando o cobertor, anciosa, falava em sangue... e mergulhava a cabeça por entre os travesseiros. Não ha duvida, disse o coronel: —«Minha filha, está louca.»

A noticia do facto do cemiterio e a da loucura da filha do coronel Bentinho, andava de bocca em bocca, assombrando a freguezia dos Tócos.

Ninguém se animava a passar mais alli pelo cemiterio, fora de horas; e os que passavam, d'essa data em diante, viam mover-se por entre os tumulos uma luz, como se fôra fogo-fatuo, e ouviam um canto plangente como o trinado profundamente emocionador da viola.

Só depois do retardatario ter accendido uma vela e a erguido á altura da cabeça, é que a luz do cemiterio desaparecia e o canto cessava.

E essa apparição, que é attribuida pela crença popular ao suicida, faz hoje parte do grande almanack das superstições do povo da freguezia dos Tócos.



## VII

Ditinha, completamente louca, levava os dias vagando por um capão que fica nas imediações do cemiterio mal assombrado.

Um pedaço de baeta, que a caridade publica lhe atirara aos hombros, n'um dia de bom humor, encobria-lhe a nudêz do corpo virgem.

Poucos os viajantes que, por alli passando, não estacassem o animal, ante a figura andrajosa da melancholica louca, que com a mão estendida supplicava :

—SENHOR, UMA ESMOLA PRAS ALMAS.

E, immediatamente, fugia, entranhando-se pelo capão.

Até bem pouco tempo, dizia-me o velho João Luiz, com lagrimas nos olhos e piedade na fala, até bem pouco tempo, essa pobre creatura, foragida da felicidade, devassava o *Capão das Amoras*, hoje conhecido por *Capão da louca*, percorrendo-o dia e noite, enchendo-o de lagrimas e de soluços.

E, hoje, uma cruz plantada á beira da estrada, recorda ao viajante, que por alli passa, a historia da pobre louca. Cruz modesta, de cujo centro pende suspensa uma caixa negra, onde se lê esta inscripção, em lettras brancas :

UMA ESMOLA PRAS ALMAS.

Coritiba—1896.

JULIO PERNETTA





## EM TORNO DA TERRA

O seculo ia morrer... sim, porque os seculos morrem tambem, e morrem fatalmente... A's vezes, agitados, epilepticos, como o seculo xv; ás vezes, opulentos de vida como o seculo xvi, e ás vezes, como o xviii, pungidos de todos os delirios da philosophia e da fé. O nosso, o chamado grande seculo, ia morrer de um extranho mal, de uma enfermidade sublime, especie de hysteria do pensamento. A cohaustão moral apprêssava-lhe a agonia.

E como os filhos dos seculos mostram-se sempre desamorosos e ingratos, havia em volta do leito em que o moribundo agonisa, solenne e insubmisso como os Tritões antigos, um susurro profundo e quasi expansivo. Os filhos do velho seculo despedem-se d'elle transidos de uma impia alegria mysteriosa e tendo a alma cheia do seculo novo, que lhe traz o desconhecido e a esperanza.

Em todos os Continentes, uma unica idea abalava o immenso coração da familia humana: de que modo expressivo, com que festas condignas a nova era seria recebida? O alvoroço universal crescia, ao passo que se approximava a epocha do extraordinario evento. Por toda parte, os governos, os homens da arte e da sciencia, as associações, a imprensa, os povos de todos os mundos viviam palpitantes, tremulos da emoção que lhes produzia essa idea de saudar de maneira significativa o seculo que ia assumir todas as heranças do genio humano.

Na capital do mundo, no coração da augusta França — como a patria eleita de todas as raças — tinham-se reunido sabios e artistas dos trez Continentes, formando uma especie de areopago universal, incumbido de organizar o programma e de dirigir aquelle estupendo concerto das nações. Numerosos projectos foram apresentados, e o povo de Paris, quer dizer os povos da terra, acompanhava com impaciencia e anciedade nunca vistas os trabalhos d'aquelle Congresso, que exercia nada menos do que a hegemonia do pensamento humano no planeta.

Até que afinal fôra acceito e approvado o projecto do homem que é hoje o mais glorioso da Historia e cuja paternidade é disputada por dous seculos. Mr. Armand Candal propunha o se-



guinte : construir uma via-ferrea pela qual se podesse fazer a volta ao globo em 24 horas, quer dizer acompanhando o sol no seu movimento apparente em redor da Terra. Teria, portanto, o comboyo verdadeiramente retempo, de vencer 300 legoas por hora, ou 5 legoas por minuto, ou cerca de 500 metros por segundo. Para isso imaginou Mr. Candal que a linha deveria ser perfeitamente recta... e os obstaculos foram crescendo... Como atravessaria uma successão de cordilheiras? os grandes rios? os lagos? E como venceria a infinidade de accidentes do solo que se apresentam em tantas regiões? Sobretudo o Oceano? como seria elle dominado?

Mas, Mr. Candal já tinha resolvido tudo. Não haveria em terra firme obstaculo que não podesse arredar ou vencer com os poderosos recursos da arte e da sciencia modernas. Nos Oceanos as linhas seriam collocadas sobre boias immensas, cuja base mergulhasse até as profundidades do abysmo, onde mais não reflectissem os movimentos que as tempestades fazem. Ou então, se provocariam erupções submarinas e de espaço a espaço se fariam surgir ilhas artificiaes. A tudo quanto se objectava, Mr. Candal respondia victoriosamente. Mas uma difficuldade acreditou-se por um momento invencivel. A mechanica parecia contrapor-se ao projecto, declarando que as locomotivas communs não poderiam ultrapassar um certo limite de velocidade, visto como a velocidade é uma resultante do numero de voltas que as rodas locomotoras, de tamanho normal, podem fazer em dado tempo; e que na Europa não se pudera ainda conseguir senão pouco mais de 400 kilometros por hora. E Mr. Candal tinha de conseguir nada menos que 1.800 kilometros!

Mas, o grande sabio não se embaraçou. O problema estava effectivamente resolvido. Para fazer 30 kilometros por minuto, precisava que uma locomotiva dêsse uma força de 400 giros, fazendo em cada giro 300 metros. Portanto, as rodas locomotoras deviam ter de diametro cerca de 100 metros, para dar uma circumferencia de 300. E então? Não estava tudo prompto?

Mas eis que um outro sabio lembra a Mr. Candal um embaraço que até então lhe não tinha occorrido :

— E o senhor fará tudo isso com que metal? O ferro..... não é provavel que resista...

Mr. Candal, porem, conseguiu logo um composto muito mais consistente que o ferro. « E alem d'isso — assegurou com uma firmeza digna do mais assombroso Colombo — o ferro mesmo havia de resistir, porque o meo projecto bazeia-se sobre



a sciencia : tudo n' elle é proporcional e nada fiz que tenha de exceder a resistencia especifica do ferro.

Estava, portanto, definitivamente organizado o gigantesco projecto.

Mr. Candal compromettia-se a inaugurar o trafego no dia 1.º de Janeiro de 1904. A linha seguiria a direcção do equador, de forma a poder-se saudar n' esse dia, e sempre ao alvorecer, a todas as nações da terra. O ponto inicial seria Calcuttá, junto á terra sagrada, berço das nações. De Calcuttá, sempre sob o tropico de Cancer, a linha se desenvolveria para o Occidente, atravessando a península, o golfo de Oman, a Arabia, o mar Vermelho, o Egypto, o Saharah, e sahindo da Africa banhar-se-ia no Atlantico, passando por Havana, Mexico, California, e atirando-se logo ao Grande Oceano, tocando em algumas ilhas, entre as quaes a Formosa, cortando o sul da China, por Cantão, a Indochina, e indo dar outra vez a Calcuttá.

O grande sabio poz mãos á obra. Levantou capitaes em todas as nações do mundo. Como que atacados de verdadeira loucura, os povos disputavam a primazia no concurso que se prestava áquella obra extraordinaria. Mr. Candal tinha calculado em 900 decilhões de libras as despezas — quer dizer, tanto dinheiro que a população do globo em uma semana não chegaria a contar!

Pois bem : os fundos reunidos e postos á disposição do celebre engenheiro em todos os bancos de todas as grandes capitaes do mundo, subiram a mil vezes 900 decilhões !

O programma da festa colossal já estava feito e espalhado profusamente pelo mundo inteiro. O trem inaugural teria logares para cerca de um milhão de pessoas. Seria formado por mil carros, podendo cada carro conter uns mil passageiros. Cada carro, alem de tudo quanto fosse indispensavel á commodidade e conforto dos hospedes, deveria ter vasto e magnifico restaurant, cheio de iguarias soberbas, de charutos soberanos, e de muito *champagne* e muito *tokai*. No 1.º carro iriam os chefes de todas as nações do mundo com as respectivas familias; os ministros de todo os paizes, os corpos diplomaticos, principes, grandes generaes, celebridades, etc.; no 2.º carro, banqueiros e capitalistas e todos quantos tivessem concorrido para a execução da obra; no 3.º todos os jornalistas dos trez Continentes; no 4.º e 5.º os litteratos, os poetas, os artistas e todo o mundo pensante; no 6.º, 7.º, 8.º e 9.º os industriaes de todos os paizes; no 10.º até o 30.º inclusive, iriam os representantes do commercio; e assim por diante.



Para o dia da festa inaugural a empresa se obrigava a dar aposentos em Calcuttá, nos proprios carros, mais sumptuosos do que os mais sumptuosos palacios até então conhecidos. Nos ultimos wagões iriam Tesla, Edison e todas as notabilidades electricistas do mundo. N'um d'esses wagões, Edison, auxiliado por 8.) de seos mais conspicuos collegas, armaria um grande timpano electrico, sufficiente para reflectir sons naturaes, ou melhor, sons transmittidos por camadas atmosphericas em condições normaes, de uma distancia de mais de 1 500 legoas. Montariam ainda um apparelho que pozesse em communição todos os carros, de forma que o que se dizesse no ultimo carro ou em qualquer d'elles repercutiria instantaneamente pelos outros todos. Tambem Edison arranjaría, alem de umas lampadas colossaes, cuja luz alcançaria a distancia superior a 4.800 legoas, um porta-voz electrico monstruoso, capaz de transmittir palavras á distancia de mais 900 legoas. Todas as grandes capitães do mundo encommendaram logo um porta-voz d'estes. Porta-voz simplesmente não é o termo proprio designativo do invento, pois que elle não conduzia apenas a voz articulada — elle augmentava extraordinariamente o som do vocabulo. Imagine-se que uma palavra pronunciada sobre o timpano, em tom normal, faria uma repercussão equivalente ao estampido simultaneo de 100 trovões.

Tudo sahiria, pois, condigno do grande seculo.

O sabio director da obra já havia dividido a linha circular em 8.000 secções, de cerca de uma legoa cada secção; e as confiara ás maiores celebridades da engenharia moderna. Em cada secção já trabalhavam operarios de todos os climas, em numero superior a 5 000 em cada uma. Havia, entretanto, umas poucas secções em que o numero de operarios elevava-se a 30.000.

No anno de 1897, a primeira ilha artificial emergio do Grande Oceano. Em menos de seis mezes, nos principios de 1898, tanto sobre o Grande Oceano como sobre o Atlantico, já estavam sendo assentadas as linhas, occupando-se, para o intersticio das ilhas, as boias enormes que Mr. Candal imaginara. Essas boias eram moveis, e com uma pequena manobra, podiam arredar-se de momento para dar passagem a embarcações.

O mundo, n'uma anciedade febril, esperava o novo seculo, para assistir ao inaudito espectaculo. Novecentas e tantas officinas diversas funccionavam noite e dia, com muitos milhares de operarios. Parecia que as populações do globo haviam affluído para aquella linha, formando v istas do espaço, um formigueiro



colossal e interminavel, n'um bolicio continuo e quasi temeroso, que indicava estar o mundo em vespervas de alguma idade nova.

Afinal, chegava-se aos ultimos dias do anno de 1900 e tudo correspondia ao pensamento de Mr. Candal.

Mr. Armand Candal, digamos de passagem, já não era simplesmente um homem celebre: — era uma especie de enviado de outros mundos, um ente superior, sobrehumano, que tinha vindo á terra desvendar aos homens cousas até então julgadas impossiveis. Elle não podia ter mais residencia permanente, porque as multidões em delirio cercavam-lhe a casa noite e dia, mantendo em torno um movimento incessante e uma formidavel gritaria. Essa loucura crescia com a execução da obra; e Mr. Candal, nos desesperos da sua gloria, via-se obrigado a mudar continuamente de habitação. Pouco remediava com isso os seus tormentos, pois grande parte das multidões o andava seguindo. O trem no qual elle tomava logar era logo assaltado. Aquelle homem como que perturbava toda a vida do mundo. A um aceno seu, tombaria o czar de todas as Russias; os exercitos se levantariam, ou Londres deixaria de existir. Se elle quizesse mostrar Paris lá nas geleiras da Siberia, bastava que se dispozesse a tiritar um dia d'aquelle frio que morde os musculos como um veneno.

Era um homem para quem não havia impossivel na terra. Por todo o mundo se encontravam bustos e retratos de Mr. Candal, aos milhões; e a sua voz, a sua propria voz era ouvida por toda parte até nos sertões da America, nos desertos da Africa, em todas as ilhas da Oceania. Mas, só Mr. Candal não era bem um deos; parece que alguma coisa ainda lhe faltava.

Chegava-se ao fim do anno de 1900, como dissemos. Todas as nações do mundo haviam levantado pavilhões ao longo da linha, e grandes focos electricos com paineis gigantescos representando qualquer facto que caracterizava o pensamento de cada uma ao entrar no novo seculo.

Os carros eram de um luxo nunca visto, mesmo no Oriente. Em todos elles (de diversos andares) havia infinidade de quadros e estatuas, parecendo verdadeiros e vastos kaleidoscopios, atravez dos quaes poder-se-ia contemplar a historia viva da familia humana.

Estamos no mez de Dezembro de 1900. A cidade de Calcuttá, elevada a capital do mundo, augmentara 500 vezes, es-



tendendo-se pelo Hoogly a fóra e subindo as encostas do Himalaya. Ahi estava reunido tudo quanto a arte, a sciencia e a industria teem de mais excellente na terra. Imagine-se o que seria a vida n'aquelle grande centro de cincoenta milhões de habitantes de todos os paizes, falando todas as lingoas, com usos e costumes variadissimos. Foi preciso organizar uma policia especial e estabelecer um regimen extraordinario, de modo a prevenir os incidentes a que se achava exposta uma tão vasta agglomeração de gente.

Havia já trez annos que se preparava a cidade. Todos os principes da Asia e da Europa tinham feito construir allí palacios gigantescos e sumptuosissimos. Como que abraçavam-se n'aquella monstruosa Babel o Occidente e o Oriente. Em dez novas praças, immensas e regulares (tendo cada uma pelos menos dez vezes a superficie dos Campos Elyseos) havia já monumentos commemorativos d'aquelle assombro que ia abalar o mundo. Uma das estatuas mais imponentes era a de Mr. Candal. O monumento representava-o no instante em que concebera o seu projecto, tendo sobre a fronte uma das mãos e a outra estendida, espalmada para a terra, como se quizesse falar ao genero humano.

Durante o mez de Dezembro não passou-se um dia em que não entrassem na cidade-universo cerca de 10.000 visitantes. Desde Novembro se achavam installados em seus aposentos especiaes os chefes de todas as nações, com suas familias e comitivas. Durante um mez e tanto elles não tinham tido tempo de conhecer sequer o que havia de mais notavel em Calcuttá e deliberaram todos ficar mais quinze dias do novo seculo allí, a viver d'aquella grande vida.

Estamos a 31 de Dezembro. Cerca de 9 mil bandas militares tocam pelas ruas e praças os hymnos de todas as nações. Durante o dia receberam os hospedes telegrammas de todos os pontos do globo e os telephones da cidade, ligados ao telephone monstro da linha-ferrea, de instante a instante repetiam as saudações de todos os povos.

A noite derradeira do seculo moribundo passou-se como se passara o dia. Viveo-se em Calcuttá como se se tivera sol. No alto do Gaozizankar uma poderosa lampada electrica illuminava quasi todo o sul do Continente. A luz d'essa lampada parecia mais brilhante que a do proprio sol. Para todos os pontos do horizonte observavam-se signaes do que se passava no mundo :



vastas colorações pelo ceo. Jactos de luz de diversas cores espandando sobre o espaço, como que em busca das estrellas. Houve muitos sabios que julgaram ter notado phenomenos extraordinarios no firmamento e muita gente affirmava que durante a noite da agonia por diversas vezes ouvira-se um rouquido cavo e profundissimo, um como estertor longo e formidavel acompanhado de um certo estremecimento da terra. Fóra de duvida era o seculo velho que expirava.

A's 10 horas da noite começou o trabalho de accommodamento dos passageiros, e quem poudo contemplou então o espectaculo mais estupendo que até aquelle dia se passara na terra: aquella linha immensa de 1.000 carros, gigantescos, mais elevados e mais vastos do que os mais vastos e elevados palacios até então conhecidos, enchia-se da humanidade! De uma torre muito alta junto aos edificios da estação um immenso relogio electrico dava conta dos minutos e uma voz trasmittia a muitos kilometros de distancia as instrucções que regulavam a ordem do serviço.

A's 5 horas da manhan tudo estava prompto. A humanidade tiritava de enthusiasmo e de assombro, encerrada n'aquelles edificios monstruosos que iam vencer o sol.

A's 6 em ponto, do dia 1º de Janeiro de 1901, a humanidade estremeceo com a terra, ouvindo um estampido colossal e longo como um desabamento de mundos: era o signal da partida. Meia hora depois, aquelle comboyo sobrenatural ia vencendo o espaço com a vertigem do relampago. E o timpano Edison ia espalhando pelos ares esta voz temerosa: *Ahi vem! Ahi vem o sol! Ahi vem o sol do seculo XX!*

No centro da Arabia ficava uma estação. Logo que o trem parou, o timpano repetio aquellas palavras augustas. E dos diversos porta-vozes situados a certa distancia da linha, em Teheran, no antigo local de Babylonia, em Jerusalem etc., vinha de instante a instante esta voz repetida como um echo de palavra pronunciada no infinito: *Salve!* Enquanto o timpano mandava ainda para mais longe: *Salve! A humanidade a todos os mundos!*

Esquecia-nos dizer que logo que o comboyo parou na primeira estação, do primeiro carro, onde iam os chefes de estado de todo o mundo, veio esta supplica: *Suas Magestades pedem a Mr. Candal (pois o proprio sabio ia na 1ª locomotiva) que não empregue toda a força das machinas nos signaes. SS. Magestades vão tiritando de medo.* De facto, quando a locomotiva mestra deo signal de partida, muitos reis tiveram syncopes e



quasi todos chegaram estonteados á primeira estação. Os coitadinhos ! Elles nunca tinham tido occasião de sentir tão bem como n'aquelle momento quanto a pobre magestade d'elles andava supplantada por aquella outra magestade formidavel do genero humano !

Mas, imagine-se que o vapor despendido com aquelle sibilo seria sufficiente para dar uma força capaz de deslocar a terra. Se se podesse abranger o Continente Europeo n'um annel de ferro, a força d'esse vapor conseguiria arrastar aquelle Continente desligando-o das camadas internas, mesmo que fossem todas formadas de rochas vivas.

Da Arabia, o trem proseguio sempre ás 6 da manhan e ás 5 e 3/4 parava na estação do Saharah. Tudo se fizera como na primeira estação. Logo que o comboyo parou, ouvio-se um *Salve !* vindo do sul : era a Africa barbara que já tinha alma para uma saudação immensa, partida de Tombouctou. Na estação do Saharah o espectaculo tornou-se inimaginavel. De Paris, passando por infinidade de capitaes, já se achava construida uma via-ferrea commum, até a estação do Saharah, onde em menos de dous annos já se tinha formado uma cidade que contava seguramente uma população 3 ou 4 vezes maior que a de Londres. Parecia que a humanidade dezertava as outras zonas da terra, affluindo para aquella linha interminavel em que se concentrava a vitalidade do planeta.

A's 6 horas partio o comboyo da estação do Saharah. Mr. Candal notou logo que poderia adiantar-se muito do sol, se quizesse dar mais um pouco da força media das machinas. Foi o que fez, de modo a ter mais tempo nas estações.

Um dos espectaculos mais sorprendentes da jornada foi certamente o que offereceo a estação do Atlantico. Mr. Candal tinha imaginado uma cousa mais que feerica, uma verdadeira illusão olympica. A cidade era toda fluctuante. Haviam sido construidos trez mil e tantos palacios, numerosas torres e minaretes, erguendo-se n'uma grande praça a estatua colossal de Colombo, rodeada de um sem-numero de estatuas menores representando todos os navegantes celebres. Agora accrescente-se que no dia da festa achavam-se ancorados em torno da cidade de Atlantida as esquadras de todo o mundo, em numero de perto de 4000 navios, além de mais 35000 navios mercantes. No momento em que o comboyo parou, as esquadras todas salva-



ram, a humanidade estremeceu e o timpano Edison chamou para o orbe : *A todos os mundos !*

O trem chegara ás 3 e meia á estação de Atlantida, tendo-se adiantado portanto um quarto de hora. Nas estações de Havana e do Mexico, os Estados-Unidos, o Mexico e a republica de Cuba tinham preparado festas maravilhosas. Ahi brilhou a electricidade ainda.

A assim se fez a volta ao mundo em 21 horas. Mr. Candal havia graduado a força das locomotivas de forma a chegar á Calcuttá exactamente ás 6 da manhan, antes que o sol apparecesse.

Tambem a humanidade offegava : parecia exhausta. Um phenomeno extranho notou-se em muitos dos viajantes : a desfiguração espantosa das physionomias. Muitos estavam encanecidos. E' que as emoções d'aquella jornada valeram pelas emoções de muitas vidas. Aquelles organismos não tinham mais fibras para sentir.

Alem do grande comboyo inaugural, partiram de Calcuttá outros muitos, de hora em hora. Isto é o que se podia chamar verdadeiramente o triumpho definitivo do homem na terra.

Tambem, em menos de 6 mezes, de todas as latitudes havia linhas ferreas convergindo para as diversas estações da linha circular. Mr. Candal estabeleceu para o serviço ordinario cinco trens : dois expressos, partindo um á meia noite e chegando ás estações sempre ás 11 e um quarto ; e outro, ao meio dia chegando sempre ás 11 e um quarto ; e trez mixtos, partindo ás 6, ás 11 da manhã e ás 4 da tarde e chegando ás estações meia hora antes.

Estava, pois, inaugurada a estrada de ferro em torno do globo... ou antes estava inaugurado o seculo XX.

Coritiba, 31 de Janeiro de 1901.

ROCHA POMBO.





## AS FESTAS A N. S. DO PILAR, EM ANTONINA

Faziam-se a 15 de Agosto. Antes, alguns mezes antes da folia religiosa, os romeiros de todas as localidades da Provincia e do sul de S. Paulo e suéste de Santa Catharina, preparavam-se para a jornada.

No interior da Provincia, o caboclo sem recursos para ir por si e pelos seos *cumprir a sua promessa*, feita para com a virgem que lhe curára o filho ou a *potranca*, — ia pedir ao compadre ou ao inspector do quarteirão, o favor de levar ao conhecimento da padroeira da Capella os seos protestos de eterno reconhecimento.

E como não ser assim, se Ella o protegera sempre tão carinhosamente ; se a sua familia encontrara sempre para a proteger a incomparavel blandicia do seo olhar e o affago protector do seo manto azul de ceo !...

E por isso o caboclo, por longos dias internava-se nas selvas, machado ao hombro, e ia derribar a altiva *gabirobeira* para roubar-lhe o *inchú*, que lhe devia fornecer a cêra para a vela que sua mulher, a defunta Nha Chica Tiburcia, promettêra á Sancta antes de morrer ; ou para o cumprimento de uma *promessa* da filha mais velha, que quasi morreo de *máo* olhado.

Approxima-se o dia, e com elle a animação sóbe no thermometro da fé religiosa do povo, credulo por instincto, por habito... por necessidade talvez !...

As alimarias trotam, de todas as direcções, conduzindo o rude burguez das villas da Provincia, o camponio apatacado e crente.

De Iguape, Cananéa e Guarakessaba, canoas rastejavam á flôr das agoas do Atlantico, em demanda da moderna Jerusaleém, — então o centro director da crença paranaense.

Antonina, então, remontava-se a 1714, anno em que teve começo. E a encarquilhada capellinha do Sargento-Mór Manoel do Valle Porto, na fazenda da Graciosa, velava por elles, velava por todos sob a invocação da Virgem Mãe, — o insolúvel dogma do Catholicismo !...

Guardava-os, a todos, a Senhora do Pilar !...



Deos, como elles eram felizes !...

Depois, em honra a D. Antonio, de Portugal, passou em 1797 a modesta Graciosa a denominar-se Antonina.

13 de Agosto, — Dia Sancto. O cannavial e o cafesal que esperem ; primeiro a festa.

Que seria delles, Senhora, se Vós não acalmasseis a secca no estio e as chuvaradas no inverno !...

Tudo vos deviam. Era, pois, justa a sua homenagem.

E o povo psalmodeava, com sua rude sinceridade, os hymnos os mais festivos em honra á padroeira ; a saia balão e os requintados meliores da moda exhibiam-se faustosamente.

A alma da Providencia toda pulsava alli.

De dia, os sinos atroavam os ares com toda a força dos seus pulmões de bronze ; á tarde a *Cavalhada*, com a flôr da gente Antoninense, phantasiada no gosto o mais requintado, floreava nobremente ; á noite, os fôgos de artificio e as ceias lautas completavam a festa.

Tudo isso se foi !... Foi-se para sempre !...

Entretanto, Antonina, pelo espirito altivo de seus filhos, hade ainda vir a ser o que já foi : — prospera e feliz.

E' que ella tem ainda uma Crença n'alma : — o Trabalho.

ROMARIO MARTINS.

